Discurso de Agradecimento

JOSÉ OSWALDO DE ARAÚJO FILHO

Exmo. Sr. Dr. Geraldo da Silva Nobre – Presidente do Instituto de Ceará.
Exmo. Sr. Dr. Caio Lóssio Botelho – Eminente Geógrafo e Membro do Instituto.
Exma. Sra. Dra. Zélia Sá Viana Camurça – Eminente Pedagoga do Estado do Ceará.
Exmos. Srs e Sras. Membros desta Casa.
Meus Familiares.
Meus Senhores e Minhas Senhoras:

É com mui grata satisfação e honra, que recebo o título de SÓCIO CORRESPONDENTE do Instituto de Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico, renomada Casa da Cultura, instituída em 1887, para a promoção, congregação e divulgação das ciências e humanidades, iluminada pela plêiade de seus insignes membros efetivos, do mais vário saber, no Estado do Ceará e além-fronteiras.

Reconheço, com humildade, que seja tal distinção exagerada à minha pessoa, mais afeita à ciências da Terra, às ciências exatas e suas conseqüências tecnológicas, com poucas incursões e contribuições à cultura de nossa terra, esta sim, traduzida no vasto e fascinante acervo da produção dos membros deste sodalício.

Honra-me e comove-me, por razões sentimentais, tornar-me oficialmente mais próximo da mesma Casa da Cultura de que meu Pai, historiador e jornalista José Oswaldo de Araújo, foi Sócio Efetivo, de 1974 a 1975, ano de seu falecimento.

Desde cedo, talvez precocemente, ao que me recordo, antes da primeira década de vida, inserido e beneficamente influenciado pelo ambiente cultural da casa de meu Pai, onde vivia também meu irmão mais velho e mentor, engenheiro José Amauri Araújo, senti-me intimamente atraído para as coisas da natureza. Foi a estonteante beleza das noites juninas, cravejadas de estrelas do Sítio do Transvaal, na Serra da Ibiapaba, próximo à cidade de Ipu, onde íamos de férias, que me tocou e despertou para o gosto da astronomia, meu primeiro sonho profissional. Ao crescer, a escala do universo visível se tornara, para mim, introspectiva, fascinando-me a lógica das cartas geográficas e a beleza arrebatadora, aos meus olhos de adolescente, das paisagens serranas do Ceará, em evidente contras-

te com o sertão, muitas vezes ressequido, com todos os seus matizes e variações de aspecto. A Geografia Física passara a ser o meu deslumbramento e a ela me dedicava com tanto afã, que em 1961, consegui, na segunda série colegial, vencer a Maratona Intelectual de todos os cursos colegiais credenciados no Estado do Ceará, patrocinada pelo então Ministério da Educação e Cultura, justamente em geografia, representando o Colégio Christus, onde então estudava.

Aos catorze anos decidi estudar geologia, um salto natural, para quem buscava explicações, dentro da lógica científica, para a evolução de nossa mãe Terra, enigmática e macróbia. Em 1967, formava-me em geologia pela Universidade Federal da Bahia. Por cinco anos trabalhei como geólogo da Petrobrás, onde ingressei através de concurso técnico. Exerci as funções de geólogo de sub-superfície e sedimentólogo, estudando as bacias cretáceas do Nordeste oriental brasileiro e as bacias plataformais oceânicas de São Mateus, no delta do Rio Doce, no Estado do Espírito Santo, e a de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, perfurando ali, o poço pioneiro-estratigráfico descobridor dos primeiros indícios de petróleo, da hoje mais produtiva reserva petrolífera do Brasil. Com bolsa da Fundação Fulbright dos Estados Unidos da América, por concurso, rumei para um mestrado em geologia na University of Georgia, próxima à cidade de Atlanta. Sete anos de estudos intercalados, passando pela Columbia University de Nova Iorque, rumo ao doutoramento, afastaram-me fisicamente do Brasil.

Paralelamente aos estudos geológicos, o estudo da fonética geral e fonética da língua inglesa constituem, para mim, uma outra propensão. Aos dezesseis anos incompletos era professor de língua inglesa no IBEU-CE, em Fortaleza e aos dezenove, professor de literatura americana na ACBEU, de Salvador, Bahia, por quatro anos. Em 1975, assumia a Diretoria de Cursos do IBEU-CE, coordenando os cursos de treinamento para professores (TTC). Em 1978, formava-me em letras-inglês pelo CEUB – Centro de Ensino Unificado de Brasília, a segunda maior universidade do Distrito Federal.

Após breve passagem de seis meses, como Professor Visitante do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Ceará, aceitei ,em 1976, convite do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, concursado internamente em 1980, sendo hoje Professor Adjunto, no último nível e em dedicação exclusiva.

A evolução e mecanismos de formação das cadeias de montanha do Meso e Neo-Proterozóico (entre 1,6 e 0,57 bilhões de anos), no Centro-Oeste e Nordeste brasileiros, constituem minha linha de pes-

quisa e assunto de minhas 28 publicações nos últimos dez anos, relativa à ciência geológica da Geologia Estrutural e da Geotectônica.

Com o tempo, a descoberta dos valores da ciência, mostrou-me a importância do idealismo, tão subjugado no Brasil, e apontou-me para as suas virtudes. Descobri a ciência como prístina, incontaminada, incorruptível, sobrepairante à escolas de saber, sistemas econômicos, temperamentos, dominações humanas, como a essência do conhecimento humano, em favor da humanidade e dela advinda, como já havia lido, nos tempos da escola secundária, nos escritos dos grandes e inspirados cientistas-filósofos. Eles afirmaram ser a ciência um dos caminhos seguros que nos conduz à *Verdade* e que esta é imutável e filosoficamente única, através do tempo. O que muda são seus ângulos facetados, como num cristal. Comparar-se-ia a um alvo farol, ao largo, mirado por perspectivas distintas, mas convergentes.

Esta mesma idéia trazem os depoimentos de Blaise Pascal, René Descartes, Louis Pasteur, entre muitos outros cientistas, e mais recentemente os depoimentos do geólogo austríaco Friedrich Becke, na década de 50, conceituador dos relacionamentos entre as deformações e as texturas metamórficas, e os do geólogo americano Harry Hammond Hess, na década de 60, um dos conceituadores e descobridores do fenômeno do espalhamento do fundo oceânico, inserido na teoria da tectônica de placas.

No meu entender, a busca incessante da verdade na ciência, nos conduz a *Deus*, alfa e ômega da existência, onde toda a humana ciência esbate-se e esbarra.

Outra lição importante que aprendi na prática científica, é a não existência de obstáculos frontais com as humanidades e as artes, que são manifestações do conhecimento e da evolução humanas, que se rebuscam ou se simplificam, expandem-se ou refluem, no périplo constante da cognominada civilização que, segundo o historiador britânico Will Durant "existe por consentimento geológico e está sujeita a mudanças sem aviso prévio".

O exemplo que me vem, talvez não por mera coincidência, nas versões convergentes brotadas de mentes de pensadores aparentemente opostas, uma a da lógica racional de Albert Einstein e a outra dotada de intuição introspectiva e poética na pessoa da poetisa portuguesa Florbela Espanca, refere-se ao fenômeno que, nós mortais, chamamos de *Tempo*. O rigorismo da quantificação físico-matemática da Teoria da Relatividade de Einstein é complementada por sua própria modelagem imaginativa e criadora, no que se refere à dinâ-

mica celeste, sem a qual o tempo relativo não existiria, o que é pertinentemente descrito no tempo dinâmico e também relativo de Florbela Espanca, que o expressa no seu Diário dos Últimos Anos, como "o não sentir deslizar o tempo através de mim, mas eu que deslizo através dele". A ponte entre a ciência a a arte da poesia é feita através da diversidade do intelecto humano, visto pela unicidade dos conceitos, em busca da verdade.

Assim sendo, o meu gosto atávico e diversificado pela poesia e pela música, complementa-se com a estética de uma equação matemática ou da proposição de um modelo geológico.

Outra não é minha intenção senão a de engrandecer o Instituto de Ceará, com minha ínfima parcela de conhecimento e dentro de minhas limitações, conquanto sinto-me lisonjeado de participar, como aprendiz, de tão seleto grupo de intelectuais.

Muito obrigado.

(Proferida ao receber o título, no Instituto do Ceará, em sessão a 5 de agosto de 1994).